

FERDINAND DE SAUSSURE E ÉMILE BENVENISTE: QUESTÕES REFERENTES À LÍNGUA, À FALA E À CRIAÇÃO LINGUÍSTICA

Karine Rios de Oliveira

Doutorado em Estudos Linguísticos – UFU

karinerios@hotmail.com

Thiago André Rodrigues Leite

Doutorado em Estudos Linguísticos – UFU

thiago_fucamp@hotmail.com

Resumo

Objetivamos, por meio deste artigo, abordar alguns aspectos referentes à língua (*langue*) e à fala (*parole*) sob as perspectivas de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste, ressaltando o pressuposto saussuriano de que só há fala porque há língua, e esta precisa daquela para se estabelecer socialmente. Ademais, pretendemos aqui discutir o fato de que, num ato de fala, conforme possibilidades previstas pela língua, pode haver deslocamentos que se configuram como criação linguística, no sentido de apontarem para uma nova forma ou um novo significado a um signo linguístico já existente.

Palavras-chave: Saussure; Benveniste; língua; fala; criação linguística.

Abstract

We aim at, from this article, broaching some aspects related to language (*langue*) and speech (*parole*) from the perspectives of Ferdinand de Saussure and Émile Benveniste, highlighting the saussurian assumption that the speech exists because there is language, what needs that to establish itself socially. Besides, we also aim at discussing here the fact that, in a speech act, as the possibilities provided by language, the displacements from this can represent a linguistic creation, in the meaning of being a new form or a new meaning to an existing linguistics sign.

Keywords: Saussure; Benveniste; language; speech; linguistics creation.

1. Introdução

A língua constitui um *sistema de valores puros* que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos. (SAUSSURE, 2006, p. 95, grifos nossos)

Este artigo parte da premissa de que a língua é um princípio de ordenação que vem da coletividade como herança, cabendo, assim, ser recebido pelo falante, segundo afirma Saussure (2006) no *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG). No entanto, consideramos relevante dizer que, num ato de fala¹, pode haver diferentes deslocamentos entre os elementos constituintes do signo linguístico (significado e significante), inclusive pode haver também a emergência de uma nova forma, levando-se em conta as possibilidades permitidas pela língua (sistema linguístico). Desse modo, há certa liberdade na fala, uma vez que não é qualquer combinação entre os elementos linguísticos que é aceita pela língua, a qual é, nos dizeres saussurianos, um sistema de valores puros, visto que, conforme compreendemos, não há colamento no laço que une o significado ao significante, destacando a arbitrariedade do signo linguístico. Assim, “os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre a idéia [significado] e o som [significante] é *radicalmente arbitrário*” (SAUSSURE, 2006, p. 132, grifos nossos).

Na perspectiva dessa arbitrariedade, ou seja, da imotivação que há entre os elementos constituintes do signo, torna-se pertinente dizer que, segundo Saussure (2006, p. 81), “a idéia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à seqüência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante” (grifo do autor). Com base nessa citação, é relevante ressaltar que as características da língua não são, portanto, imanentes, destacando que a seqüência *m-a-r* poderia ser outra, o que nos leva a dizer que essas propriedades são

¹ Compreendemos ato de fala, sob a ótica saussuriana, como o fato de o falante, numa dada circunstância, movimentar o sistema linguístico individualmente tanto via fala (realização sonora) como via escrita, o que nos remete à definição de enunciação para Benveniste (2006). Segundo esse autor, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82). No tópico 4, Criação linguística: até que ponto?, abordaremos ato de fala como correspondente a ato de escrita.

construídas nas relações entre os signos linguísticos. Assim, cria-se a partir daquilo que o princípio de ordenação permite, já que não se pode fazer qualquer coisa com esse princípio.

Nesse sentido, gostaríamos de tratar, neste artigo, de aspectos que dizem respeito à língua, à fala e à criação linguística, frisando que, se há criação na língua, é porque há falante que movimenta todo o sistema linguístico via atos de fala. Para abordar e corroborar esses aspectos, basear-nos-emos em Saussure (2006), Benveniste (2005, 2006), entre outros.

2. Curso de Linguística Geral: um discurso fundante

Saussure, nos dizeres de Benveniste (2006, p. 14), “recusava quase tudo o que se fazia no seu tempo. Ele achava que as noções correntes não tinham base, que tudo repousava sobre pressupostos não verificados, e sobretudo que o lingüista não sabia o que fazia”. Uma tendência anterior a Saussure era a Gramática Comparada, em que o componente histórico era de suma importância. Paralela a isso, estava uma tendência de linguística geral a trabalhar com dados linguísticos extraídos de texto, o que, sendo frequentemente realizado com textos antigos, ainda remetia ao aspecto filológico-histórico. Entretanto, a concepção de Saussure pauta-se na existência de dois modos de analisar a língua, sincrônico e diacrônico, sendo que este ocorre sempre a partir de um momento sincrônico de análise, o que Benveniste comenta da seguinte forma:

“A novidade do enfoque saussuriano, que foi um dos que agiram mais profundamente, consistiu em tomar consciência de que a linguagem em si mesma não comporta nenhuma outra dimensão histórica, de que é sincronia e estrutura, e de que só funciona em virtude da sua natureza simbólica. Não é tanto a consideração histórica que se condena aí, mas uma forma de “atomizar” a língua e de mecanizar a história.” (BENVENISTE, 2005, p. 5)

Essa questão histórica, fortemente enfocada na linguística que se fazia antes de Saussure, foi um dos aspectos por ele não aprofundado, o que não significa sua recusa aos estudos diacrônicos e a exclusividade dos estudos sincrônicos. Nesse sentido, Saussure formula proposições sobre aquilo com

que o linguista lida, o que lhe resultou ser reconhecido pelo estabelecimento de dicotomias, como: língua e fala, sincronia e diacronia, significado e significante². Assim, vale dizer que “Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos” (BENVENISTE, 2005, p. 35), levando-se em conta que, a partir dele, funda-se toda a linguística moderna; isso porque o próprio Saussure procura ir aos fundamentos, como “o único meio – mas o meio seguro – de explicar o fato concreto e contingente” (BENVENISTE, 2005, p. 37). Portanto, a linguística moderna tem, como um de seus marcos, a publicação do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure.

Destacando essa obra, Benveniste (2006, p. 15) afirma que “é o curso que Bally e Sechehaye³ publicaram e sobre o qual se edificou, diretamente ou não, toda a linguística moderna”. Em outro momento, Benveniste (2005, p. 34) pondera que “não há um só lingüista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione seu nome”. Essas citações permitem-nos dizer que as teorias linguísticas para se formularem voltam a Saussure para corroborá-lo, refutá-lo, relê-lo, etc.

Faz-se relevante ressaltar que o CLG mostra o funcionamento do sistema linguístico, o que nos leva a destacar o corte epistemológico promovido por essa obra, que indica qual é a natureza do objeto de estudo da linguística. Esse objeto é a língua, a qual, dentro de certo quadro, está para a ordem de um sistema aberto às possibilidades de relações entre os signos linguísticos, apontando para o fato de que o linguista deve observá-la, conhecer-lhe o funcionamento, pois é ela que é passível de sistematização e é por sua causa que a fala é possível. Embora a fala seja historicamente precedente à língua, conforme Saussure (2006) afirma, aquela só se realiza a partir desta, do que é socialmente compartilhado. É por isso, por ser um discurso fundante, que visa mostrar ao linguista o que ele faz, que Saussure (2006) opta por focar em sua

² O trabalho de Saussure com as chamadas dicotomias lhe rendeu críticas infundadas, no sentido de que ele estaria somente considerando os componentes dessas dicotomias em detrimento de outras questões. Mas uma leitura mais detida do CLG nos permite reconhecer tal afirmação como improcedente, pois o fato de não ter aprofundado em alguns pontos não significa a não consideração deles.

³ Faz-se interessante dizer que Charles Bally e Albert Sechehaye foram os organizadores do CLG com a colaboração de Albert Riedlinger. Tanto aqueles como este foram alunos de Ferdinand de Saussure.

obra a noção de língua, sem, no entanto, abandonar a de fala; trata-se, pois, de um recorte metodológico.

Considerando-se essas questões, pensamos ser possível dizer que elas são um exemplo de que a teoria de Saussure (2006) se configurou como um corte epistemológico que se dá com o comparativismo, estabelecendo seu objeto, e instaurando a linguística como autônoma. Esse corte aponta para o fato de que Saussure se preocupou com o objeto da linguística, mostrando sua natureza, ou seja, um discurso fundante. Nesse sentido, o conceito de sistema tem grande importância para pensar esse corte. Esse conceito diz respeito à ideia de que a língua é a parte passível da linguagem de ser sistematizada, indicando que “não é, então, ilusório dizer que é a língua que faz a unidade da linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 18), já que aquela é compartilhada (social), levando-se em conta o princípio de ordenação. Assim, Saussure deixa entrever que se preocupa com a questão da delimitação.

Sob essa perspectiva, salientando o CLG, Benveniste (2005, p. 43) afirma que, “realmente, tudo na linguagem tem de ser definido em *termos duplos*; tudo traz a marca e o selo da *dualidade opositiva*” (grifos nossos), como, por exemplo, a dualidade língua e fala. Desse modo, ressaltando a dualidade opositiva, Benveniste (2005) a denomina de o centro da doutrina presente no CLG, o que não implica dizer que seja considerada somente a língua ou somente a fala ali.

3. Língua e Fala: um constante entrelaço

Historicamente, o fato da fala vem sempre antes. Como se imaginaria associar uma idéia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala? (SAUSSURE, 2006, p. 27)

Ressaltando aspectos da língua e da fala sob a perspectiva saussuriana, gostaríamos de discorrer sobre a constituição do signo linguístico. Assim, vale dizer que, no ato de fala, há associação entre fragmento de pensamento e fragmento de som, uma relação associativa, produzindo signos linguísticos, ou seja, unidades discretas (apreensíveis, representáveis, audíveis, reconhecíveis e significativas); é o princípio de ordenação em funcionamento. Então,

compreendemos que via atos de fala as unidades discretas se estabilizam socialmente, tornando-se entidades psíquicas: conceito e imagem acústica, ou seja, significado e significante, um vínculo associativo e não natural, formando o signo linguístico, que é de natureza psíquica. Transcendendo, pois, o ato de fala e o indivíduo, há a estabilização de um signo linguístico. Por exemplo, “dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro*” (SAUSSURE, 2006, p. 88, grifos do autor). Ademais, cumpre dizer que se tem acesso a traços da língua pelos atos de fala. No entanto, conforme perspectiva saussuriana, os atos de fala não afetam o sistema em si, o princípio de ordenação.

Desse modo, Saussure (2006) constata a possibilidade de estudar a linguagem sob duas maneiras, tendo, pois, como objeto de estudo ou “a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo”, ou a fala, “a parte individual da linguagem”, sendo processos psíquicos e psicofísicos, respectivamente. (SAUSSURE, 2006, p. 27). Contudo, por reconhecer que há, na linguagem, algo que é individual e algo que é social, e que a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução, Saussure (2006) esclarece que a língua, nesse contexto, é o “produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17), ao passo que a fala é a utilização individual, subordina-se à língua, que é algo já adquirido e convencional. Em decorrência disso, ele pontua que “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 16-17, grifos do autor).

Saussure concebe a língua como portadora de algo que existe na coletividade, que se institui socialmente, e isso o leva a afirmar que o falante não é senhor da língua⁴, porque existe um componente histórico, herdado, convencionalizado, que não lhe permite fazer com a língua o que quiser; é necessário atentar para o princípio de ordenação que regula determinado

⁴ Essa noção de o falante não ser senhor da língua aparece sobretudo desenvolvida nos estudos lacanianos, ainda que sob outro enfoque; esses estudos a relacionam à existência de um sujeito evanescente, o sujeito do inconsciente, em cuja fala escapa algo que é da ordem do real e sobre o qual ele não tem controle, é algo que se esvai na e pela fala, que se manifesta a despeito da suposta consciência desse sujeito.

sistema linguístico, porque o falante diz somente a partir desse princípio. Paralelamente, esse sistema aponta a existência de traços da ordem do individual, considerando as combinações que cada falante faz nos atos momentâneos. A língua não pode, pois,

“equiparar-se a um contrato puro e simples, e é justamente por esse lado que o estudo do signo linguístico se faz interessante; pois, se quiser demonstrar que a lei admitida numa coletividade é algo que se suporta e não uma regra livremente consentida, a língua é a que oferece a prova mais contundente disso.” (SAUSSURE, 2006, p. 85)

Todavia, ao mesmo tempo, Saussure afirma que “a qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, a língua aparece sempre como uma *herança*⁵ da época precedente” (SAUSSURE, 2006, p. 85, grifo nosso). Então, há, na língua, dois aspectos que se sustentam simultaneamente, ou seja, o que é herdado, vindo da tradição imposta, e da “livre” associação⁶ individualmente feita a partir dela, o que caracteriza a imutabilidade e a mutabilidade da língua respectivamente.

Nessa perspectiva de língua e fala, no entrelaço entre ambas, consideramos pertinente tocar na questão do valor linguístico, o qual denota “um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 2006, p. 133). Essa citação permite-nos afirmar que, em todo e qualquer ato de fala, os signos linguísticos se relacionam em presença e, também, em ausência.

Desse modo, destacamos que as “relações podem ser extremamente variadas, mas elas se deixam reduzir a um certo número de condições de base” (BENVENISTE, 2006, p. 17), ou seja, respeitando as regularidades próprias que compõem a língua, o princípio de ordenação. E isso é, para Saussure (2006), o que se pode dizer de universal entre as línguas. Assim, para compreendê-las, é imperioso partir dos valores atribuídos aos signos, uma vez que, sem esses valores – por não haver ideias preestabelecidas –, não se tem nada além de uma massa amorfa de pensamentos e sons, sendo a

⁵ Talvez seja possível dizer que essa *herança* é o próprio princípio de ordenação que rege toda língua, algo relacionado a *um consenso coletivo*. Nos dizeres de Benveniste (2006, p. 20), “uma língua é primeiro *um consenso coletivo*” (grifos nossos).

⁶ Vale aqui salientar que a expressão “livre” associação não corresponde aqui à expressão freudiana “associação livre”, método que objetiva orientar o paciente a dizer o que vier à mente.

língua o lugar onde essas abstrações se articulam. Saussure (2006, p. 139) afirma, portanto, que “na língua só existem diferenças”, “que a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes ao sistema lingüístico”, o que nos remete àquilo que diz Benveniste sobre o sentido do verbo fazer, já que, via ato de fala, o sentido pode ser sempre outro. Citando o dicionário *Littré*, esse autor afirma que há 80 sentidos, levando-se em conta as subdivisões. “Trata-se do mesmo sentido? São muitos sentidos? Não se sabe” (BENVENISTE, 2006, p. 20). Parece-nos haver pertinência em dizer que, num ato de fala, um significado outro pode ser associado a um significante, produzindo um sentido diferente, apontando para o nível *semântico*⁷ do sentido sobre o qual discorre Benveniste (2006), o que nos leva a pensar na significação abordada por Saussure (2006).

Assim, Saussure (2006), ao contrário do que se pode crer, em função da suposta primazia atribuída à língua, toca na significação e no falante, ainda que a significação seja considerada sob outro prisma, para além da relação entre significado e significante (correspondendo a conceito), ou seja, a significação associada à perspectiva semântica benvenistiana, tendo em vista que essa perspectiva aponta para os efeitos produzidos na interdependência da língua e da fala no sistema em uso. O fato de Saussure (2006) reconhecer a língua como um meio a garantir que a fala cumpra seus destinos é um exemplo de que a significação não é excluída de suas constatações, embora possa não ser ela o que constitui, no CLG, o foco do autor.

É a partir da verificação da presença de um sistema em uso pelo falante, na teoria saussuriana, em que língua e fala estão entrelaçadas, que nos propomos a falar sobre criação linguística, já que esta, conforme o próximo tópico, é uma das manifestações desse entrelaço.

4. Criação linguística: até que ponto?

⁷ Tomamos aqui sentido na perspectiva semântica sobre a qual discorre Benveniste (2006) em oposição à modalidade semiótica (signo dotado de sentido), entendendo que “a semântica é o ‘sentido’ resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles” (BENVENISTE, 2006, p. 21).

Ao falarmos em criação linguística, nesta parte do texto, faz-se relevante destacar que, em meio a signos linguísticos estabilizados (a regularidade), há possibilidade de emergência de signos que marcam uma diferença, o que aponta para o nosso entendimento de criação linguística. Nesse sentido, Benveniste (2005, p. 56) afirma que “o espírito só acolhe a forma sonora que serve de suporte a uma representação identificável a ele; se não, rejeita-a como desconhecida ou estranha”. Concebemos esse “rejeita” como o fato de o falante identificar algum signo (forma) como desconhecido ou estranho, já que não faz parte daqueles compartilhados socialmente, mas o reconhece, podendo até igualmente empregá-lo. A questão de algum signo ser desconhecido ou estranho aponta para nossa compreensão de criação linguística, ressaltando uma nova forma ou um novo significado a um signo já existente. Desse modo, é como se esse tipo de criação tocasse num outro referente, no sentido de remeter a outra coisa da realidade, que o estabilizado, o que nos leva a associar ao questionamento de Raul Seixas (1967) na composição *Por que, pra quê?*, conforme o trecho: “Por que o azul é azul / Por que o lilás é lilás / Por que o sim não é sul / Por que não, não é mais”. Esse questionamento indica a frouxidão do laço entre significado e significante e, também, entre signo e aspecto da realidade, ou seja, parte da criação se dá porque o signo linguístico é arbitrário.

Nessa perspectiva da criação, gostaríamos de tocar em um poema de Carlos Drummond de Andrade, a saber, *Além da Terra, além do Céu*, já que é possível por meio desse poema observar formas linguísticas criadas. Conforme Andrade (1985, p. 16),

“Além da terra, além do céu, / no trampolim do sem-fim das estrelas, / no rastro dos astros, / na magnólia das nebulosas. / Além, muito além do sistema solar, até onde alcançam / o pensamento e o coração, / vamos! / Vamos conjugar / o verbo fundamental, essencial, / o verbo transcendente, acima das gramáticas / e do medo e da moeda e da política, / o verbo *sempreamar*, / o verbo *pluriamar* / razão de ser e de viver.” (grifos nossos)

Destacando as formas *sempreamar* e *pluriamar*, signos esses não cristalizados, interessa-nos dizer que, conforme Agustini (2010)⁸, “não se

⁸ Enunciado proferido pela profa. Dra. Carmen Agustini no dia 18 de outubro de 2010, durante uma aula da disciplina *Teorias Linguísticas*, na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.

consegue encontrar um elemento com uma propriedade totalizante. Se a *propriedade fosse imanente, não haveria o diferente*” (grifos nossos), o que nos remete a um dizer de Benveniste (2005). Assim, “deixemos de acreditar que se apreende na língua um objeto simples, que existe por si mesmo, e é susceptível de uma apreensão total” (BENVENISTE, 2005, p. 41). Essas citações apontam, a nosso ver, para o fato de que, num ato de fala, pensado aqui como “ato de escrita”, pode haver deslocamentos outros. Desse modo, as formas *sempreamar* e *pluriamar* permitem-nos afirmar que a língua não consegue nomear tudo, já que não é nomenclatura.

O indivíduo recebe a língua como herança (princípio de ordenação), porém não todos os valores sociais a ela associados. Nesse sentido, há sempre possibilidade de um signo linguístico significar outra coisa, já que suas propriedades não são inerentes. Ademais, é impossível saber de todas as possibilidades da língua, frisando, por exemplo, os elementos linguísticos e suas relações, o que nos faz pensar na música *Construção*, de Chico Buarque de Holanda (1971):

“Amou daquela vez como se fosse a última / Beijou sua mulher como se fosse a última / E cada filho seu como se fosse o único / E atravessou a rua com seu passo tímido / Subiu a construção como se fosse máquina / Ergueu no patamar quatro *paredes sólidas* / Tijolo com tijolo num desenho mágico / Seus olhos embotados de cimento e lágrima / Sentou pra descansar como se fosse sábado / Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe / Bebeu e soluçou como se fosse um naufrago / Dançou e gargalhou como se ouvisse música / E tropeçou no céu como se fosse um bêbado / E flutuou no ar como se fosse um pássaro / E se acabou no chão feito um *pacote flácido* / Agonizou no meio do passeio público / Morreu na contramão atrapalhando o tráfego / Amou daquela vez como se fosse o último / Beijou sua mulher como se fosse a única / E cada filho seu como se fosse o pródigo / E atravessou a rua com seu passo bêbado / Subiu a construção como se fosse sólido / Ergueu no patamar quatro *paredes mágicas* / Tijolo com tijolo num desenho lógico / Seus olhos embotados de cimento e tráfego / Sentou pra descansar como se fosse um príncipe / Comeu feijão com arroz como se fosse máquina / Dançou e gargalhou como se fosse o próximo / E tropeçou no céu como se ouvisse música / E flutuou no ar como se fosse sábado / E se acabou no chão feito um *pacote tímido* / Agonizou no meio do passeio naufrago / Morreu na contramão atrapalhando o público / Amou daquela vez como se fosse máquina / Beijou sua mulher como se fosse lógico / Ergueu no patamar quatro *paredes flácidas* / Sentou pra descansar como se fosse um pássaro / E flutuou no ar como se fosse um príncipe / E se acabou no chão feito um *pacote bêbado* / Morreu na contramão atrapalhando o sábado” (grifos nossos)

Nesse sentido, é pertinente dizer que a significação pode ser afetada pelo lugar, já que ela é o produto semântico dos movimentos realizados pelo falante, o que nos remete às formas *pacote* e *parede*. Na significação, há fatores contextuais e subjetivos envolvidos, o que reforça a associação ao

sentido em sua modalidade semântica, conforme pondera Benveniste (2006). O valor linguístico tem relação com a significação, mas não a absorve; ele parece ser um dos aspectos para ela, ou seja, o valor relacionado ao fato de ser uma “adaptação dos diferentes signos entre eles” (BENVENISTE, 2006, p. 21).

A exemplo disso, destacamos a relação entre os signos *paredes*, *pacote*, *sólido*, *mágico*, *flácido* e *bêbado*, atentando para o fato de que, para remeter a um determinado aspecto da realidade, o eu-lírico, subjetivamente, se vale de signos cristalizados na língua postos em relação, e não através da criação de novas formas linguísticas para isso. A partir do princípio da economia linguística, é pela relação entre os signos, e pelos novos valores que ali surgem, que aparecem as expressões *paredes sólidas*, *paredes mágicas*, *paredes flácidas*, *pacote flácido*, *pacote tímido* e *pacote bêbado*. Isso ocorre porque não há fixidez na significação dos signos, destacando, por exemplo, que “pacote bêbado” não remete ao objeto “pacote”, mas possivelmente a uma pessoa.

Acerca dessa questão da não fixidez, ressaltamos o fato de não haver propriedade *a priori*, compreendendo que a língua é uma álgebra de valores puros porque a relação de um significado a um significante se dá via atos de fala. Portanto, vale dizer que “a língua é uma álgebra que tem somente *termos complexos*” (SAUSSURE, 2006, p. 141, grifos nossos). Entendemos que a expressão *termos complexos* aponta para a ideia de os signos linguísticos serem passíveis de ganhar novos valores, levando-se em conta a relação entre eles. Assim, essa expressão indica a questão do não-essencialismo da língua, o que nos remete a outro dizer de Saussure (2006, p. 146), destacando que “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (p. 146). Tomamos *palavra* ali como *signo linguístico* aberto para novos significados, ressaltando que “é próprio da fala a liberdade das combinações” (SAUSSURE, 2006, p. 144), mas havendo *limites*⁹ impostos, por exemplo, pelo próprio sistema linguístico, ou

⁹ Com relação a essa questão dos *limites*, consideramos pertinente destacar que, conforme Benveniste (2006, p. 27), “do mesmo modo que não falamos aleatoriamente, quero dizer sem quadro, que *nós não produzimos a língua fora de certos quadros*, de certos esquemas que possuímos, do mesmo modo creio que a arte não se produz também fora de quadros ou

seja, não é qualquer coisa que se pode fazer com a língua, o que indica que ela é, sob prisma saussuriano, concreta.

5. Considerações finais

Neste artigo, procuramos articular aspectos teóricos específicos de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, mostrando como a criação linguística se dá na produtividade do entrelaço entre o que se pode fazer ou não com língua e fala. Mesmo a subversão criativa se dá na concretude da língua, que é, por isso, constituída de entidades concretas.

No que diz respeito a essas entidades, gostaríamos de construir uma metáfora para elas, pautando-nos em Saussure. Tomamos aqui signo linguístico por tijolo e língua por parede. Assim, afirmamos que o signo linguístico é uma espécie de tijolo na construção de uma casa, já que há momentos em que o tijolo poderá ser partido para se relacionar a uma determinada parte da parede. O tijolo poderá ser partido de formas diferentes, dependendo da relação com os outros tijolos. Assim também ocorre com o signo linguístico, já que há momentos em que um significado estabilizado para um significante poderá não ser associado a ele num estado momentâneo, o que procuramos mostrar na breve análise do poema e da música supracitados.

Embora tenhamos empreendido essa breve análise por meio de textos artísticos, é imperioso afirmar que a criação linguística não se dá somente em autores de renome, mas também a todo tempo nas práticas languageiras, já que “uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das conseqüências da arbitrariedade do signo” (SAUSSURE, 2006, p. 90), fazendo-se em todo espaço linguístico “tijolo com tijolo num desenho mágico” (HOLANDA, 1971).

esquemas diferentes mas que também existem”. Entendemos que a criação linguística é sempre possível na língua, mas *nós não produzimos a língua fora de certos quadros*, havendo, portanto, limites até mesmo para a criação.

6. Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. (1985). *Amar se aprende amando*. Rio de Janeiro: Record.

BENVENISTE, Émile. (2005). *Problemas de lingüística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes Editores.

_____. (2006). *Problemas de lingüística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes.

SAUSSURE, Ferdinand de. (2006). *Curso de lingüística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix.

Músicas

Construção. (1971). Chico Buarque de Holanda. (Gravadora Philips).

Por que, pra quê? (1967). Raulzito e os Panteras. (Gravadora EMI).